

**A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA
E O HUMOR NAS TIRAS EM QUADRINHOS**

José Ricardo Carvalho da Silva (FUFSE)
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

A noção de ironia como figura de linguagem é vista como recurso retórico que promove um dito contrário do que se afirma em um enunciado tem sido questionada por alguns estudos que tomam o funcionamento como objeto de estudo. De acordo com Sperber e Wilson (2001) a noção clássica de ironia não consegue explicar determinados fenômenos de uso da linguagem no processo interacional. A abordagem clássica de ironia apresenta problemas quando localiza a presença de elementos contraditórios como fonte do discurso irônico, adotando, assim, a noção de sentido figurado e sentido literal como pontos divergentes na constituição da ironia. Na abordagem destes autores, a compreensão da ironia genuína envolve a ridicularização de uma opinião de um terceiro ou do interlocutor a quem o falante faz eco. Para comprovar a falta de consistência da noção de ironia clássica, Sperber e Wilson (2001) relatam o caso de um motorista excessivamente cauteloso diante da estrada. Seu amigo, que o acompanhava em uma viagem, de repente vê uma ciclista em uma distância considerável e enuncia: “Vem aí qualquer coisa”, referindo-se a um ciclista que se encontrava bem distante. Observa-se que o ato de ironia não consiste em dizer o contrário, mas em fazer eco a uma determinada atitude expressa pelo amigo.

Digo (vem aí qualquer coisa) em tom de censura. Nessas circunstâncias, esse comentário pode bem ser irônico. Estou a fazer eco do tipo de opinião que o meu amigo está no momento em que o meu amigo entra na estrada principal, eu constantemente a exprimir, mas em circunstância que a tornam claramente ridícula. Assim a única coisa necessária para tornar (vem aí qualquer coisa) irônica é um elemento ecoico e uma atitude de troça ou de censura que lhe é associada. (SPERBER & WILSON, 2001, p. 354)

Como se observa, a ironia pode ir além de dizer ao contrário. Para explicitar melhor essa tese Sperber e Wilson (1978) demonstram que a ironia é resultado do processo de menção, ou seja, toma-se um fragmento do discurso para fazer um comentário sobre ele, ou seja, o enunciado ou perspectiva pela qual se faz uma afirma-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ção passa a ser questionada e se torna objeto de reflexão. A menção é um recurso para fazer um enunciado ser dobrado e logo em seguida ser comentado ou receber um acento apreciativo. Estes autores, então chamam atenção para a diferença entre “menção” e “emprego”. A noção de emprego corresponde a uma atividade linguística voltada para a representação de um elemento externo fora do discurso ao qual se faz referência. Já noção de menção funciona como um eco de um enunciado, expressão ou palavra da qual se realiza um comentário, estabelecendo um acento de apreciação. Neste processo, há a manifestação de um discurso a qual o falante não assimila como seu, mostrando certo distanciamento entre dois pontos de vistas que assumem divergências. Koch (1996) sintetiza a relação de ironia e menção proposta de Sperber e Wilson da seguinte forma:

Segundo Sperber e Wilson (1978), as ironias podem ser descritas como menções, geralmente implícitas, de proposição, interpretadas como eco de um enunciado ou de um pensamento cuja falta de pertinência ou inexatidão o locutor pretende sublinhar. Normalmente, as ironias têm um alvo determinado: quando se trata de um eco distante e vago elas não visam um alvo determinado; quando, porém, o eco é próximo e precisável, o alvo são as pessoas às quais elas fazem eco. Se o locutor faz eco a si mesmo, tem-se a **autoironia**; se faz eco destinatário, tem-se o **sarcasmo**. (KOCH, 1996, p. 154)

Como vemos o processo de produção do humor pela via da ironia consiste em um processo de menção para realização de atividades metaenunciativas. A fala dos personagens dos quadrinhos, organizada pelo quadrinista, é organizada por comentários de um discurso sobre outro, formulando ditos irônicos.

Aproveitando-se de marcas gráficas, da expressão facial dos personagens e de jogos de linguagem marcado por implícitos, o quadrinista coloca em cena o discurso do personagem e o discurso alheio que é criticado por meio de menções a um dizer ou uma atitude pouco apreciável. Para compreender os mecanismos constitutivos das formulações irônicas presentes nos enunciados produzidos pelos personagens, levamos em conta os processos autonímicos, isto é, a propriedade da linguagem se dobrar sobre si mesma. Quando alguém pergunta em forma de adivinha “o que é que existe no meio da rua?” dando como resposta a letra ‘u’, o sujeito não se remete ao objeto existente no mundo, mas à metalinguagem utilizada para falar do mundo. Com isso, se faz uma menção a um termo presente na lin-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

guagem. Se alguém pergunta: “você fala francês?” e outro responde: “sim, francês”, dizemos que o sujeito utilizou a menção como forma de atuar no plano metaenunciativo³⁷. Veja no exemplo a seguir, um caso típico de menção, explorando a literalidade no plano da expressão. Tal fenômeno pode ser observado na produção de humor proposta na tira a seguir.



(Folha de São Paulo, 27/06/03)

O autor da tira em quadrinhos representa o personagem apontado para o balão, fazendo uso do recurso gráfico do gênero para provocar o humor. Por meio deste recurso o quadrinista expõe de forma literal a menção às palavras do padre por Hagar, isto é, o próprio personagem indica com o dedo o balão inscrito “os males da bebida”. As palavras do padre são marcadas por aspas, demonstrando um dizer não assimilado por quem as pronuncia. Hagar cumpre a promessa de mencionar as palavras do padre, no entanto, não fará uso da palavra em uma exposição temática sobre os malefícios da bebida. Mostra-se na tira a manobra discursiva realizada por Hagar, ao trazer a palavra de um outrem de forma banal, considerando, assim, irrelevante o tema proposto pela figura enunciativa do padre.

Observamos que as aspas desempenham um papel importante no modo de marcar o discurso do outro com diferentes funções no plano enunciativo. Ao descrever os estudos de Authier, foi sintetizado por Koch (1997, p. 53-54) um conjunto de funções das aspas:

³⁷ “Os analistas de discurso chamam de metaenunciação ao processo pelo qual os locutores ‘comentam’ aquilo mesmo que dizem. Tais enunciações têm função de marcar ‘não coincidências’ seja entre locutores (dois locutores não empregariam as mesmas palavras), seja entre discursos (já que o discurso pode ser afetado por outro), seja entre as palavras e as coisas (as palavras seriam ‘incapazes’ de nomear de forma transparente), seja das palavras consigo mesmas (as palavras podem ter mais de um sentido).” (POSSENTI, 2002, p. 82)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

I – **aspas de diferenciação** (para mostrar que nos distinguimos daquele (s) que usa (m) a palavra, que somos “irredutíveis” à palavras mencionadas);

II – **aspas de condescendência** (para assinalar uma palavra que se incorpora ‘paternalisticamente’, para saber o que o interlocutor faria assim);

III – **aspas pedagógicas:** (no discurso de vulgarização científica, que assinalam, frequentemente, o uso de termos ou expressões vulgares, como um passo intermediário para permitir o emprego posterior da palavra “verdadeira”, “correta” à qual o locutor adere);

IV – **aspas de proteção:** para mostrar que palavras ou expressões usadas não são plenamente apropriadas, que estão sendo empregadas no lugar de outras, constituindo, muitas vezes, metáforas banais;

V – **aspas de ênfase ou insistência:**

VI – **aspas de questionamento ofensivo ou irônico** (quanto a propriedade da palavra ou expressão empregada pelo interlocutor por prudência ou por imposição a situação)

A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA, ASPAS E IRONIA

A partir do estudo da configuração enunciativa é possível constatar que todo dizer carrega referências e células de sentidos de outros discursos. Este processo constitutivo da linguagem é aprofundado com os estudos de Jaqueline Authier-Revuz (1990), conferindo o conceito de heterogeneidade constitutiva, presença do outro, não-localizada na superfície do discurso, mas percebida no interdiscurso (Além da formulação teórica de heterogeneidade constitutiva, a autora descreve a presença do outro na cadeia discursiva por meio da noção de heterogeneidade mostrada (marcada e não-marcada).

A heterogeneidade mostrada marcada (discurso direto, discurso indireto, negação, paráfrase, e as formas de conotação autonímica, isto é, as aspas, o itálico, as entonações e as glosas). Considera-se que as conotações autonímicas são inscritas no fio contínuo do discurso sem uma marca de interrupção. Se substituíssemos as aspas, por exemplo, por outras palavras, teríamos “como diria y” ou “ele diria x”, confirmando a não assimilação sobre o que está sendo afirmado. Em outras palavras, o locutor assume um afastamento sobre o que é dito, assumindo uma postura de juiz sobre as formulações enunciadas no momento em que são pronunciadas.



Quino representa graficamente com letras diferentes (cursiva e impressa) os diferentes discursos, demarcando no espaço da fala aquilo que corresponde à reprodução do discurso da cartilha. No quarto quadrinho, Mafalda faz um comentário sobre a citação reproduzida de forma irônica, chamando o que disse as duas personagens de “conversas literárias”. Desempenhando a mesma das aspas, as letras em manuscrito (itálico), assumem o papel de aspas de diferenciação, atribuindo o dito a outro. Sendo assim, a ironia se organiza por meio de um processo metaenunciativo em que o falante faz um comentário sobre um enunciado ao qual não compartilha de sua opinião. Uma das formas de marcar a adesão ou repulsa a um determinado discurso seria o uso de modalizadores. No discurso oral poderia se manifesta com um “Ah!”, “Hum”, já no caso do discurso escrito as marcas podem aparecer por meio de aspas e itálico, entre outras formas gráficas, que marquem a fronteira entre um dizer e outro. No caso da tirinha, que acabamos de ver, o uso da mudança de letra, funciona como modalizador para demarcar a citação e a não aderência do falante perante o enunciado dito. Neveu caracteriza a modalização da seguinte forma:

Operação linguística destinada a marcar o grau de adesão do sujeito da enunciação, tendo em vista o conteúdo dos enunciados que ele profere. Chamam-se modalizadores as expressões linguísticas, os procedimentos tipográficos, ou marcas prosódicas empregados para realizar essa operação. Catherine Kerbrat-Oricchioni (*L'Énonciation – De la subjectivité dans le langage*, 1980) considera, dentre essas marcas, notadamente o uso de aspas enunciando um certo distanciamento, as expressões do tipo é [verdadeiro, duvidoso, certo, incontestável...]. (NEVEU, 2008, p. 205).

Como vemos, em toda formulação discursiva é possível localizar fragmentos em que os signos não se referem à realidade externa da linguagem, mas a própria linguagem que constitui os enunciados,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

revelando, assim, propriedades autonímicas de uso dos signos. Sendo assim, dizemos que o sujeito que produz um enunciado pode interromper o fio de seu discurso para tecer comentários sobre algo já dito. Com este movimento o locutor estabelece processos metadiscursivos que confere o atravessamento do discurso de outrem em sua enunciação. Nesta perspectiva, o falante pode trazer palavras, afirmações que reserva certo distanciamento de sua posição discursiva. Tal procedimento revela a heterogeneidade do dizer no plano discursivo.

Diferente da heterogeneidade marcada que se localiza de forma imediata na superfície linguística, encontramos na heterogeneidade não marcada (discurso indireto livre, ironia, paródia, provérbio, imitação, pastiche) um processo mais complexo que exige atenção aos processos de derivação no campo enunciativo para observar a sua representação. Destacamos na ironia forma implícita de heterogeneidade localizada em sua dimensão enunciativa. Revela-se aí, procedimentos metadiscursivos em que se nota a presença de modalizadores de opinião e posicionamento do falante diante da produção de um enunciado. A retomada do discurso de um outrem revela, em muitos momentos, a não coincidência do dizer nas seguintes instâncias: a) entre enunciador e coenunciador; b) entre discurso proferido e a fonte de referência; c) entre o emprego das palavras diante de um referente; d) polissemia e ambiguidade do próprio sistema linguístico. Este fato aponta para a heterogeneidade não marcada, identificando um acento apreciativo por parte do locutor que expõe pontos de vistas expressivos na enunciação.



Diferente das declarações negativas, a ironia refuta a posição de um enunciador, sem utilizar morfemas de negação. É possível examinar na ironia gestos de interpretação que denotam repugnância a um determinado ponto de vista, sem entrar em conflito com a perspectiva discordante. O locutor retoma um enunciado ou os pressupostos do mesmo, sem compartilhar das opiniões do discurso citado. Para marcar diferenças entre aquilo que não corresponde a seu discurso, o autor explicita dois mecanismos desenvolvidos pela personagem quando escreve o seu diário. O primeiro diz respeito às palavras sublinhadas raiva e culpa que se refere a uma atitude da mãe, não aceita pela filha, mas que é obrigada dizer que a mãe tem o direito de sentir raiva dela e que a culpa de tudo isso é da própria Mafalda. Contudo, Mafalda no quarto quadrinho, traz uma nova voz, a Direção do diário. Por meio deste mecanismo, a manobra discursiva se volta para a tensão entre dois ditos que se confrontam, promovendo um implícito que provoca o riso. Diante deste fato, ocorre a desquali-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ficação da perspectiva enunciativa alheia, sem que o locutor se responsabilize pela defesa de um proferimento.

Observamos neste trabalho, especificamente, o papel das aspas e outros elementos gráficos que aparecem nos balões das tiras em quadrinhos produzidas por Quino, autor da série Mafalda. Identificamos que o papel das aspas comparece nas tiras em quadrinhos por meio de outros mecanismos que assumem a mesma função discursiva deste sinal gráfico. Desatacamos o sublinhado e a mudança de letra com a mesma função das aspas em algumas tiras analisadas. Concluímos que a ironia não é dizer o contrário do que havia sido dito, mas a exposição de um enunciado que assume uma perspectiva de confronto com o enunciado de outro locutor, promovendo, assim, um comentário crítico sobre um determinado ato enunciativo. A ironia pode acontecer em dois níveis nos quadrinhos. No primeiro nível, os personagens no interior da enunciação agem de forma irônica, diante de outros personagens, instalando, assim, vozes, que a serem confrontadas com o discurso do opositor, faz o discurso alheio se tornar absurdo. Em um segundo nível, o autor que arregimenta discursos confronta pontos de vista incongruentes. Um dos enunciadores, colocado em cena, postula uma perspectiva absurda diante da enunciação. Neste caso o efeito risível não decorre de um locutor propriamente dito, mas das condições em que um enunciado é proferido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade (s) enunciativas. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 19, p. 25-42, jul/dez., 1990.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

_____. *Dizer e não-dizer: princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FLORES, Valdir. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. Campinas: Pontes e UNICAMP, 1989.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins fontes, 2000.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevância: comunicação e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. Les ironies comme mentions. *Poétique*. Paris: Seuil, n. 36, p. 399-412, 1978.